

## “FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO” E OS OBJETOS INDUSTRIAIS NO BRASIL

### *THE “PHENOMENOLOGY OF SPIRIT” AND THE INDUSTRIAL MANUFACTURE IN BRAZIL*

Matheus Alberto Ramos de Freitas<sup>1</sup>  
Sérgio Antônio Silva<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo desenvolve uma análise dos objetos industriais no Brasil a partir da segunda metade do século XX, utilizando como método a aplicação da teoria Fenomenologia do Espírito do filósofo G. W. F. Hegel. A dialética teórica é estruturada entre a globalização neoliberal (tese), o Brasil pós-Guerra (antítese) e os objetos industriais em território brasileiro (síntese). Os resultados revelam problemas estruturais na sociedade que culminaram na incompletude da teoria hegeliana aplicada ao contexto específico do Brasil quando comparado aos processos de industrialização estadunidense e europeu ocidental durante o mesmo período. É apresentado em comunhão o impacto histórico da linguagem do design e da publicidade, modelada nos objetos industriais, sobre a sociedade brasileira a partir de uma teoria filosófica universal.

**Palavras-chave:** Fenomenologia do Espírito. Hegel. Objetos Industriais. Brasil.

#### Abstract

This paper develops an analysis of industrial manufactures in Brazil from the second half of the twentieth century, using the Phenomenology of Spirit theory of the philosopher G. W. F. Hegel as a method. The theoretical dialectic is structured between neoliberal globalization (thesis), post-war Brazil (antithesis) and industrial manufactures in Brazilian territory (synthesis). The results reveal structural problems in society that culminated in the incompleteness of the Hegelian theory applied to the specific context of Brazil when compared to the processes of the E.U.A and Western European industrialization during the same period. It is presented in communion with the historical impact of the design and of the

<sup>1</sup> Mestre em Design pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Pesquisador associado do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7226959213790268>, ORCID: 0000-0002-5987-7574 e e-mail: [matheusramosfree@gmail.com](mailto:matheusramosfree@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor e pesquisador da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (ED-UEMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9285512367945785>, ORCID: 0000-0002-4801-700X e e-mail: [sergio.silva@uemg.br](mailto:sergio.silva@uemg.br).

advertising languages, modeled on industrial manufactures, in Brazilian society from a universal philosophical theory.

**Keywords:** Phenomenology of Spirit. Hegel. Industrial manufactures. Brazil.

## 1 INTRODUÇÃO

Para compreender melhor os caminhos percorridos pela sociedade brasileira nas décadas de 1950 e 1960 e suas consequências para os objetos industriais no Brasil, é necessário visualizar o contexto internacional pós-Guerra e o surgimento das novas políticas econômicas globais hegemônicas que delimitarão o novo período do século XX que ficou marcado pela contrariedade:

O resultado a longo prazo dessa internacionalização econômica sob o patrocínio dos estados nacionais [hegemônicos] tem sido previsivelmente híbrido. A tensão entre ideologias nacionalistas e internacionalistas, que já se anunciava na primeira metade do século 20, vem suscitando ao longo dos anos situações bastante paradoxais e contradições quase perversas em termos políticos, sociais e culturais, com repercussões significativas para a área do design. (CARDOSO, 2000, p. 154).

Sendo assim, os objetos industriais, frutos do design voltado para as produções seriadas, que passaram a compor a vida dos brasileiros desse período adiante, compostos de significados aderentes além dos inerentes (CARDOSO, 1998), assumirão o papel de enfatizar a realidade social contraditória brasileira de alta desigualdade social. E quando se fala em contrariedade e tempo histórico, isto remete à teoria filosófica moderna, *Fenomenologia do Espírito* de Hegel<sup>3</sup>, que contribuiu amplamente para o entendimento do mundo e os desdobramentos das sociedades ocidentais, um processo de formação cultural ou *Bildung*. Além disso, esta será a mesma teoria usada por Daniel Miller em seu livro *Trecos, troços e coisas* (2013) no subcapítulo (Objetificação), no qual o autor começa a estabelecer relações “[...] entre as ordens do mundo exterior e a constituição das pessoas” (MILLER, 2013, p. 84) e conseqüentemente das sociedades.

---

<sup>3</sup> Filósofo alemão nascido em 1770 em Berlim, é autor de uma das linhas de pensamento mais profunda e complexa da Cultura Ocidental.

O método de pesquisa deste artigo são análises secundárias possuindo como referência principal a *Fenomenologia do Espírito*, e objetiva apresentar novas discussões quanto ao estudo dos objetos industriais no Brasil a partir da segunda metade do século XX.

## 2 A TEORIA FENOMENOLÓGICA

Em 1807, Georg Wilhelm Friedrich Hegel publicou a obra *Fenomenologia do Espírito*; quase dois séculos antes René Descartes, em 1637, em sua publicação *Discurso do método* já havia estabelecido uma bifurcação sobre a verdade (estudo do objeto), sendo parte dela objetiva e outra subjetiva, que segundo Carvalho: “este [sujeito] já não capta essências de forma irrefletida: ele duvida e reflete acerca da verdade, tem que dar seu assentimento a ela, tem que ter certeza dela, em seu pensamento” (CARVALHO, 2014, p. 18). Portanto, é embasado na teoria cartesiana que se fundamentará as bases da filosofia introdutória estruturada pelo subjetivismo (CARVALHO, 2014). A *Fenomenologia do Espírito* representa um marco para o pensamento moderno em comunhão com a transformação do mundo pós Revolução Francesa, como aponta o professor José Henrique Santos no seu artigo (Rememorando a Fenomenologia do Espírito):

Ora, a Fenomenologia de Hegel não podia ser mais oportuna do ponto de vista histórico: nela a história do Ocidente foi pensada até o ponto máximo da ruptura com o mundo antigo e o nascimento da modernidade na qual nos encontramos. Isto explica (mas só em parte), o interesse que o livro apresenta até hoje; o resto da explicação (mas que constitui o ponto principal) reside na originalidade e no vigor do pensamento, que asseguram ao texto o papel de “indexador matricial” das alternativas espirituais que se oferecem ao mundo herdado por nós. (SANTOS, 2007, p. 7).

Além disso, essa obra de Hegel, se tornará embasamento para grandes pensadores do século XIX, como Karl Marx, e do século XX, como Georg Simmel, como nos explicita Miller:

Imaginemos algo que possa representar uma condição primitiva sem consciência. Uma ameba, talvez. Mas essa ameba tem uma coisa que despande todos os seus recursos para alcançar um fim. Um impulso para ter consciência de algo que não seja ela própria. Portanto, ela postula a ideia de que existe algo do lado de fora, no mundo em que ela se move. Ao fazê-lo, ao mesmo tempo a ameba alcança uma espécie de autoconsciência. Quanto mais consciência ela tem de que há um outro fora dela, mais se torna

consciente do que existe dentro de si. Isso faz da nossa ameba uma coleguinha muito infeliz, preocupada com esse mundo dividido que ela começa a compreender. Felizmente, um estágio posterior vem em resgate, no qual ela começa a avaliar que o sentido de externalidade só adveio como produto do desenvolvimento de sua própria consciência. Isso não parece tão ruim, e ela então fica uma pontinha mais reconciliada com essa relação. Uma vez reconciliada, ela alcançou um nível incrível de sofisticação (pelo menos para uma ameba), que lhe permite ascender mais um pouco até uma forma mais elevada. Ela está então preparada para ir até próximo estágio, postulando um sentido mais complexo do que existe lá fora, e assim várias vezes uma sequência similar, crescendo em sofisticação a cada estágio (MILLER, 2013, p. 85).

Perpassando camadas da teoria da *Fenomenologia do Espírito* no sentido da superficial às mais profundas, no cabível do que se espera em uma análise interdisciplinar e não especialista das ciências filosóficas, este artigo avançará níveis até que se encontre a conexão no campo sociocultural. A primeira dialética estabelecida por Hegel é entre o sujeito e o objeto; utilizando a citação acima pode-se substituir o sujeito pela “ameba” e o objeto pelo “mundo em que ela se move”. “Uma coisa que despende todos os seus recursos (do sujeito) para alcançar um fim”; pode-se chamar de “movimento experimental que possui o objetivo de chegar à verdade” (DAMASCENO, 2014, p. 67). A ameba, colocada em movimento para entender seu meio externo, “postula a ideia de que existe algo do lado de fora” (tese) ao mesmo tempo em que postula uma nova realidade que não é ela mesma (antítese) e o resultado destas relações será sua “espécie de autoconsciência” (síntese). Esse movimento contínuo é expresso na frase: “Quanto mais consciência ela tem de que há um outro fora dela, mais se torna consciente do que existe dentro de si” (MILLER, 2013, p. 85). Agora pode-se chegar com mais facilidade no resultado final desta primeira dialética: “Esse movimento dialético que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber [tese] como em seu objeto [antítese], **enquanto dele surge o novo objeto verdadeiro** [síntese] para a consciência, é justamente o que se chama **experiência**” (HEGEL, 1992, p. 71, grifo do autor).

O próximo passo é entender a infelicidade da ameba, que surge da negação do “mundo em que ela se move” à medida que se torna entendimento para ela. Neste processo enfadonho o objeto sempre está distante ao mesmo tempo em que está próximo, pois como todo objeto é temporal toda análise deste torna-se um espectro do seu passado. Contudo, como Machado esclarece: “Mas o que mais pesa nesta relação, o que realmente é a causa de seu sofrimento é o fato dela [infelicidade da ameba] ser **primeiramente** consciência e, por causa disso, opor infinitamente a si seu objeto, mesmo que o sinta profundamente como presente”

(MACHADO, 2013, p. 54-55, grifo do autor). Porém, a solução desta infelicidade encontra-se justamente em sua própria análise, “o sentido de externalidade só adveio como produto do desenvolvimento de sua própria consciência”, a ameba passa a compreender, portanto, pelo amadurecimento de sua consciência, que seus postulados não representam a busca do entendimento do objeto, mas apenas o fragmento da busca do entendimento do objeto.

Assim, suas “experiências” constituem somente mais um conjunto de “experiências” dentro de um conjunto maior de “experiências”, o que leva a ameba a compreender a ciência fora de qualquer determinismo, mas dentro de um ritmo onde uma linha lógica de sínteses pode se tornar obsoleta e gerar novas sínteses. É chegando neste ponto que se encontra a base da *Fenomenologia*, a contrariedade, cuja característica principal é a negatividade, ou seja, se colocar diante do obscuro para que este se torne esclarecimento através do ritmo tese, antítese e síntese.

O “nível incrível de sofisticação” alcançado pela ameba colocado no final da explicação feita por Miller condiz com a segunda dialética de Hegel, na qual as experiências fruto da interação sujeito (ameba) e objeto (mundo em que a ameba se move) transformam, ao mesmo tempo em que são parte do Saber Absoluto ou da Verdade do Espírito que possui natureza dinâmica, devir, a mesma também do sujeito e do objeto. No Saber Absoluto encontra-se a fronteira da ciência em seu tempo atual e seus paradigmas, e que a cada paradigma ultrapassado pelas experiências o sujeito aproxima da verdade do objeto e o anterior Saber Absoluto se transforma em novo Saber Absoluto que Miranda explica:

[...] a consciência se vê forçada não apenas a mudar de paradigma, mas a considerar todo o caminho traçado como uma construção singular de uma verdade: ela percebe que a verdade é produzida, não apenas dentro de um único sistema que se contrapõe a outro, mas no diálogo das ideias ao longo do tempo, no diálogo das buscas pela verdade. É neste sentido que a *Fenomenologia* não é um entusiasmo que irrompe imediatamente com o saber absoluto, como num tiro de pistola: ela não descarta os outros pontos de vista, pretendendo dominar o único ponto de vista possível e verdadeiro, mas os engendra no processo de desenvolvimento da consciência e do saber. (MIRANDA, 2013, p. 98).

Sendo assim, a ameba mais sofisticada experimenta a própria filosofia expressa nas seguintes palavras de Hegel: “A experiência que a consciência faz sobre si mesma não pode abranger nela, segundo seu conceito, nada menos que o sistema completo da consciência ou o

reino total da verdade do espírito” (HEGEL, 1992, p. 72). Finalmente, o estágio final é a integração da unidade com o todo que resulta da busca do sujeito por experimentar a realidade.

A consciência, ao abrir caminho rumo à sua verdadeira existência, vai atingir um ponto onde se despojará de sua aparência: a **de** estar presa a algo estranho, que é só para ela, e que é como um outro. Aqui a aparência se torna igual à essência, de modo que sua exposição coincide exatamente com esse ponto da ciência autêntica do espírito. E, finalmente, ao apreender sua verdadeira essência, a consciência mesma designará a natureza do próprio saber absoluto. (HEGEL, 1992, p. 73, grifo do autor).

Exposta de modo sintético a teoria da *Fenomenologia do Espírito*, é possível compreender a transformação da civilização da condição pré-histórica à condição pós-moderna. O avanço que ocorre é a partir das experiências que vão sofisticando o corpo chamado de sociedade, e neste ponto é que se torna possível compreender a questão levantada por Miller (2013, p. 84) sobre: “Qual a relação última entre as ordens do mundo exterior e a constituição das pessoas”. O que o antropólogo está propondo é compreender a dialética entre as pessoas e o mundo natural produzindo como experiência os trechos que compõem as sociedades como “indumentária, moradia, carros e outros trechos” (Miller, 2013, p.88). O interessante é que todo processo dialético representa uma via de duas mãos, ou seja, “o que temos é o processo dinâmico ele mesmo” (Miller, 2013, p.88), o homem, seu mundo exterior e seus objetos são todos produtos do mesmo contexto histórico e social no qual estão inseridos. Portanto, não é apenas o homem que produz os objetos a partir do mundo natural, o próprio mundo exterior produz os objetos delimitando a forma de pensar do homem.

Finalmente, é possível realizar o recorte histórico social do Brasil a partir da segunda metade do século XX e analisar a dialética entre as novas políticas econômicas globais hegemônicas do pós-Guerra e a sociedade brasileira daquele tempo e que produzirão tanto a política dos objetos industriais no Brasil quanto os próprios objetos que vão compor a vida dos brasileiros.

### **3 GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL**

Dado o fracasso do liberalismo com a crise de 29 e a corrida imperialista que resultou nas duas grandes guerras mundiais devido às hostilidades nacionalistas, era necessário construir um novo modelo econômico que garantisse a acumulação de capital sem prejudicar

de modo devastador as sociedades. Assim sendo, Cardoso nos aponta quais medidas foram tomadas:

Em 1944, foi realizada nos Estados Unidos a famosa conferência de Bretton Woods, em que 44 países signatários deram origem ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) ou Banco Mundial como ficou conhecido. O primeiro Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, ou GATT, foi estabelecido em 1947, dando início a um longo processo de renegociação das condições do comércio internacional que acabaria resultando na criação recente da Organização Mundial de Comércio. (KENWOOD; LOUGHEED, 1983, apud CARDOSO, 2000, p. 153).

Para Santos (2002) o capitalismo global é um fenômeno antigo na história das sociedades do Ocidente que ganha força no século XV por via da expansão marítima europeia e vem alterando seu nome do decorrer da história, “descobrimientos, colonialismo, evangelização, escravatura, imperialismo [...] e, por último, globalização”. Contudo, segundo o autor, globalização está além disso, sendo: “Uma expansão exponencial das relações transfronteiriças, umas voluntárias, outras forçadas, com a conseqüente transformação das escalas que têm dominado até agora os campos sociais da economia, da sociedade, da política e da cultura” (SANTOS, 2002, p. 16).

Retornando Cardoso (2000), percebe-se que o fenômeno do império das grandes empresas multinacionais ganhará força no período pós-Guerra, e essas empresas irão precisar de políticas econômicas transfronteiriças que garantam a expansão comercial bem-sucedida, porém de modo organizado, para manter “uma estabilidade monetária” justificada pelas organizações internacionais citadas no início do capítulo, “uma estrutura político-jurídica favorável”. Portanto, será estabelecida uma relação híbrida entre os interesses particulares de nações hegemônicas e os interesses internacionais comerciais de modo a favorecer as empresas, que representam uma das principais forças do neoliberalismo e da globalização neoliberal, definida da seguinte forma:

A globalização neoliberal corresponde a um novo regime de acumulação do capital, um regime mais intensamente globalizado que os anteriores, que visa, por um lado, submeter a sociedade no seu todo à lei do valor, no pressuposto de que toda atividade social é mais bem organizada quando organizada sob a forma de mercado. A consequência principal desta dupla transformação é a distribuição extremamente desigual dos custos e das oportunidades produzidos pela globalização neoliberal no interior do sistema

mundial, residindo aí a razão do aumento exponencial das desigualdades sociais entre países ricos e países pobres e entre ricos e pobres no interior do mesmo país. (SANTOS, 2002, p. 30).

Será visto a seguir que exatamente dessa forma que a globalização neoliberal atuará em solo brasileiro, provocando e intensificando as desigualdades sociais apesar do expressivo crescimento econômico que a industrialização planejada fornecerá.

#### **4 BRASIL PÓS-GUERRA**

O Brasil pós-Guerra é um momento histórico do país de fortes tensões políticas, desenvolvimento industrial e intensificação das migrações das populações rurais para as grandes cidades. Entretanto, como o direcionamento deste artigo é para os objetos industriais no Brasil, a pesquisa segue ao encontro da industrialização neste período. E tudo se inicia no entreguerras com os planos do Estado Novo sobre a governabilidade de Getúlio Vargas:

A moderna industrialização brasileira teve seu impulso inicial através de dois atos de guerra. Getúlio Vargas impôs aos aliados, como condição de dar seu apoio em tropas e matérias-primas, a construção da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda e a devolução das jazidas de ferro de Minas Gerais. Surgiram, assim, imediatamente após a guerra, dois dínamos da modernização do Brasil. Volta Redonda foi a matriz da indústria naval e automobilística e de toda a indústria mecânica (RIBEIRO, 1995, p. 201).

Portanto, foi em clima de pressões políticas “[...] por parte dos privatistas e dos porta-vozes dos interesses estrangeiros” (Ribeiro, 1995, p. 201), que o Brasil estabelece a industrialização de base. Em 1956, Juscelino Kubitschek é eleito presidente e continua o processo de industrialização do país, fortalecendo a indústria de base e substituindo as importações dos produtos manufaturados através do Plano de Metas<sup>4</sup> que atraiu as multinacionais a implementarem suas subsidiárias no Brasil. Sobre isto, Ribeiro complementa:

Para tanto, concedeu toda a sorte de subsídios, tais como terrenos, isenção de impostos, empréstimos e avais a empréstimos estrangeiros. O fez com tanta

---

<sup>4</sup> Segundo Silva (2017) o Plano de Metas compunha cinco setores básicos da economia, abrangendo várias metas cada um, para os quais os investimentos públicos e privados deveriam ser direcionados e “[...] para os analistas da época, o Brasil vinha passando, desde a década de 1930, por um processo de substituição de importações não-planejado, e a falta de planejamento seria a causa dos constantes desequilíbrios no balanço de pagamentos. O Plano de Metas pretendia suprir essa falta” (SILVA, 2017).



largueza, que muita indústria custou a seus donos menos de 20% de investimento real do seu capital (TAVARES, 1964, *apud* RIBEIRO, 1995, p. 202).

O Dadas as condições políticas e econômicas necessárias para a instalação das grandes empresas privadas no Brasil (ênfase para as multinacionais), finalmente é chegado o momento de o capitalismo industrial desenvolver-se no território brasileiro de modo notável e serão principalmente os objetos industriais, bens de consumo seriados, frutos desse modelo econômico que permearão o imaginário e o dia-a-dia da grande maioria dos brasileiros até os dias presentes, por via da publicidade e do design. Para auxiliar o entendimento do que foi colocado, utiliza-se como exemplo os produtos citados pela pesquisadora Cartoce (2013) em seu artigo (A publicidade nos anos JK: Consumo de mercadorias e ideias no nacional-desenvolvimentismo), no qual a autora faz um recorte da publicidade dos objetos industriais nas duas revistas de maior circulação daquela época entre o período de 1956 a 1960. Esses produtos permaneceram em boa parte consumíveis pela sociedade atual ou se mantiveram por longos períodos no imaginário social para serem consumidos, eles são: pasta de dente Kolynos, publicado em *O Cruzeiro* (7/7/1956: 62, *apud* CARTOCE, 2013) e em *Manchete* (5/11/1960: 48, *apud* CARTOCE, 2013); garrafa de refrigerante Coca-Cola, publicado em *Manchete* (7/5/1960: contracapa externa, *apud* CARTOCE, 2013); xícara de Nescafé da Nestlé, publicado em *O Cruzeiro* (3/3/1956: 41, *apud* CARTOCE, 2013); fita adesiva Scotch, publicado em *O Cruzeiro* (6/9/1958: 37, *apud* CARTOCE, 2013); veículo automotivo Jeep Willys, publicado em *O Cruzeiro* (6/9/1958: capa interna, *apud* CARTOCE, 2013); caminhão FNM (Fábrica Nacional de Motores), publicado em *Manchete* (29/10/1960: 107, *apud* CARTOCE, 2013); lâmina de barbear Gillette, publicado em *O Cruzeiro* (3/3/1956: 68, *apud* CARTOCE, 2013). Dos produtos citados o que perdeu a circulação mercadológica foi o caminhão FNM de indústria nacional e estatal que perdurou até a década de 80, a pasta de dente Kolynos que era brasileira foi comprada pelo grupo multinacional Colgate-Palmolive, os outros objetos industriais citados chegaram ao Brasil por via da globalização neoliberal.

#### **4.1 O quadro social do Brasil recém-industrializado**

O que ocorre com as mudanças econômicas da metade século XX no Brasil causará novas dinâmicas no quadro social brasileiro. O monopólio das terras, a monocultura e a

mecanização da produção agrícola promovem o êxodo rural forçado em todo país, além disso, as famílias descobrem as novidades da industrialização dos centros urbanos, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, e depositam suas esperanças nestas metrópoles que começam a receber um número cada vez maior de interioranos:

No nosso caso [Brasil], as dimensões são espantosas [do êxodo rural], dada a magnitude da população e a quantidade imensa de gente que se vê compelida a transladar-se. A população urbana salta de 12,8 milhões, em 1940, para 80,5 milhões, em 1980. Agora é de 110,9 milhões. A população rural perde substância porque passa, no mesmo período, de 28,3 milhões para 38,6 e é, agora, 35,8 milhões. Reduzindo-se, em número relativos, de 68,7% para 32,4% e para 24,4% do total. (RIBEIRO, 1995, p. 198).

A cidade de São Paulo demonstra números impressionantes, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): o número de habitantes, que contabilizava 240 mil em 1900, salta em 1950 para 2 milhões e 198 mil habitantes (RIBEIRO, 1995, p. 199). Comparada com as outras grandes cidades, São Paulo apresenta o maior inchaço populacional acentuado nestes 50 anos analisados, e não é por coincidência que seja a região do Brasil considerada o berço da industrialização que se fortificava já no início do século XX. O que ocorre no Brasil, com as transformações deste período, é a alteração da importância econômica do setor da indústria sobrepondo-se à agropecuária, e, que resultaria em avanços sociais de acordo com a economia clássica. No Brasil, entretanto, não funcionará bem assim, como aponta Furtado:

O Brasil é um caso à parte e os problemas sociais se agravam a cada dia. Quem observa o País se impressiona com esse quadro. O Brasil cresceu. Hoje em dia, é uma das dez maiores economias do mundo e tem um sistema industrial complexo. Mas, ao mesmo tempo, este País tem uma massa enorme de subempregados. A parte da população que não participa dos benefícios do desenvolvimento é tão grande que este passa a ser um dos principais problemas, senão o prioritário, de quem governa o Brasil. (FURTADO, 2006, p. 13).

Portanto, muito diferente do que ocorreu a partir de meados do século XX, tanto na Europa, quanto na América do Norte, em que vários países avançaram industrialmente e realizaram a “democratização dos bens de consumo”, onde a própria população pôde em modos gerais se beneficiar dos produtos produzidos pelas indústrias adquirindo poder de compra muitas vezes por via dos empregos gerados nas próprias indústrias, no Brasil a grande

população permanecerá restrita a subempregos incapazes de garantirem que os cidadãos se beneficiem do consumo de muitos objetos industriais como automóveis e eletrodomésticos produzidos no próprio país. Para deixar o quadro mais perverso, a publicidade alimentada nos periódicos impressos e mais adiante nos programas de rádio e televisão provocará nestes subempregados e também desempregados, concentrados nos subúrbios das cidades, os desejos de consumo capitalista dos objetos industriais que, sofisticados em design provocam, ainda mais desejos de consumo, sendo que essa gente permanecerá incapacitada financeiramente de adquirir muitos dos produtos e, assim, excluída socialmente da industrialização brasileira.

## 5 HEGEL E OS OBJETOS INDUSTRIAIS

Apresentado o sujeito e o objeto para análise hegeliana segue-se o desenvolvimento. A globalização neoliberal, representada principalmente pelas multinacionais, estabelece em território brasileiro, dentro da sociedade pós-Guerra, o palco de estudo que em efeito produzirá como experiências a produção e o consumo dos objetos industriais globais, os bens de consumo hegemônicos. O Brasil, estruturado em uma sociedade escravocrata que apesar da recém abolição<sup>5</sup> continua a estabelecer aqueles que são os privilegiados da inclusão social e os rejeitados da exclusão social, absorve a globalização neoliberal de modo particular, provocando a continuidade e o aumento da divisão social, como demonstram os dados do IBGE do século XX, segundo Marcelo de Paiva Abreu: “Dados sobre distribuição de renda são disponíveis desde 1960. Houve deterioração monotônica entre 1960 e 1990, especialmente na década de 1960 e mais modesta nas décadas de 1970 e 1980” (ABREU, 2006, p. 352). Portanto, o desenvolvimento dos objetos industriais não causará no Brasil as transformações estruturais e sociais que causaram, por exemplo, nos Estados Unidos e na Europa, onde, de modo geral, grande parte da sociedade pôde consumir os produtos industriais devido às rendas salariais e à massificação da produção.

Por que o Brasil não reduziu o subdesenvolvimento, se o seu PIB cresceu 100 vezes no Século XX? [...] Esse país crescerá economicamente, mas não se transformará, ao contrário, se deformará. [...] As elites do Brasil vivem tão bem, ou melhor, do que as do chamado Primeiro Mundo. O subdesenvolvimento cria um sistema de distribuição de renda perverso, que

---

<sup>5</sup> O Brasil foi o último país das Américas em abolir por completo a escravidão de modo normativo através da Lei Áurea em 1888; a economia, a política e a sociedade colonial e imperial foram desenvolvidas sobre a base do regime escravocrata.

sacrifica os grupos de renda baixa. Pois é inerente à economia capitalista a tendência à concentração social da renda. O processo competitivo da economia de mercado exige a seleção dos mais fortes, e os que vão passando na frente concentram a renda. Essa tendência pode ser corrigida pela ação das forças sociais organizadas, que levam o Estado capitalista a adotar uma política social. Na Europa, onde se criaram grandes sindicatos, a sociedade civil se modificou, evoluiu, e a própria luta social passou a ser um elemento dinâmico. Se a Europa avançou tanto não foi só porque cresceu economicamente, mas porque redistribuiu a renda, o que foi possível graças às pressões dos poderosos sindicatos. (FURTADO, 2006, p. 16).

Voltando para a *Fenomenologia do Espírito*, o que se percebe, neste caso abordado, é a incompletude das dialéticas, pois a relação entre globalização neoliberal e sociedade brasileira da metade do século XX produzindo como experiência os objetos industriais não foi capaz de ultrapassar o paradigma da transformação da melhor distribuição de renda mesmo que a indústria passasse a sobrepôr a agropecuária e o país enriquecesse notavelmente. Ora, como Miranda colocou no início, só é possível avançar para a dialética das verdades quando se aprofunda as relações de sujeito e objeto no nível em que é viável ultrapassar os paradigmas, ou seja, “não é um entusiasmo que irrompe imediatamente com o saber absoluto”, e neste caso, o Brasil não possuiu a capacidade de romper o paradigma no qual a industrialização enriquece o país e conseqüentemente produz uma melhor distribuição de renda capaz de tornar acessível os objetos industriais, em modo geral, para a população. Sendo assim, ficou claro e evidente a incapacidade brasileira perante a desigualdade social. Pelo contrário, na verdade os objetos industriais vão por consequência acentuar de modo perverso as diferenças sociais<sup>6</sup> e ao mesmo tempo provocar desejos inatingíveis de consumo em grande parte do povo brasileiro, composto, em amplo número, por subempregados e desempregados. Aqui dessa análise, é possível entender o comportamento específico na sociedade brasileira em que é demasiadamente intensificado o tratamento a certo cidadão no âmbito social de acordo com a qualidade de objetos industriais que utiliza, ou seja, o poder de compra equivale ao grau de simpatia ou antipatia com a qual uma pessoa deva ser tratada.

Finalmente, é possível analisar, agora de modo mais aprofundado, a relação dos trechos e as pessoas na visão hegeliana que Miller aborda, contudo dentro desta proposta de estudo. Os objetos industriais fazem parte do conjunto dos trechos que compõem os ambientes e os indivíduos das sociedades contemporâneas, e, pode-se dizer, com grande relevância. E sendo

---

<sup>6</sup> De acordo com Adrian Fort os designs dos bens de consumo industrializados assumem o papel de categorização e diferenciação das classes sociais desde o século XIX (FORTY, 2007, p. 89-91).

as dialéticas um fenômeno dinâmico, ao mesmo tempo em que as sociedades produzem os objetos industriais estes também produzem os comportamentos nas sociedades. E no caso da brasileira, os objetos industriais, os bens de consumo, provocarão a acentuação do problema antigo estrutural de discriminação social e desigualdade de renda, pois, como o pesquisador Celso Furtado colocou, o problema do Brasil, antes de ser político ou econômico, é cultural.

Sendo um país historicamente escravocrata, as relações de crueldade e discriminação dos senhores para com os escravos perpetuará de modo sofisticado e adaptado às transformações históricas do país. E, na metade do século XX, os objetos industriais produzidos no Brasil servirão em boa medida para provocar e enfatizar as distinções sociais, com uma notável perversidade em relação aos “novos escravos”, subempregados e desempregados que irão compor os crescentes subúrbios urbanos, estes produtos industriais provocarão desejos inatingíveis de consumo nesses habitantes através dos designs sofisticados e das publicidades.

Se nos Estados Unidos os objetos industriais provocaram a “democracia do consumo”, uma vez que a política econômica americana passou a funcionar por via do consumismo e que passa a ser de interesse nacional que a população consuma os produtos fabricados em série, isso garantiu de certa forma um pouco de inclusão social. Se na Europa ocidental, de modo geral, os objetos industriais garantiram para os cidadãos uma melhor qualidade de vida, isto só foi possível pela força dos sindicatos e de leis trabalhistas que possibilitaram um avanço das políticas sociais e conseqüentemente melhor distribuição de renda. Portanto, fica claro que tanto na sociedade americana quanto na europeia o design e a publicidade dos objetos industriais não causarão tantas nocividades como na sociedade brasileira, e, também as dialéticas entre globalização neoliberal e as sociedades estadunidense e europeia ocidental provocará rompimento de paradigma e avanço em relação ao saber absoluto dentro do contexto histórico da metade do século XX que significa emancipação social, melhoria na qualidade de vida e aumento da inclusão social.

Contudo, a história não é tão simples e nem o pensamento de análise dever ser conclusivo sem mencionar que a sociedade estadunidense e a europeia ocidental obtiveram seus méritos econômicos e sociais em condições mais privilegiadas do que a sociedade brasileira. O que fará a diferença, nesta análise hegeliana, é o papel seletivo do sujeito globalização neoliberal com cada sociedade ou país no mundo, pois sendo as políticas do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e do Acordo Geral de Tarifas e Comércio, políticas

econômicas desenvolvidas e norteadas principalmente por países da América do Norte e Europa Ocidental, será evidente o favorecimento econômico destes nas transações internacionais causando vulnerabilidade na economia dos países que não fazem parte deste eixo. Celso Furtado nos esclarece da seguinte forma:

O FMI é um fantasma usado por nações poderosas para que as indefesas não tenham uma política própria. Governar o Brasil é uma tarefa difícil, porque os meios de controlar a situação econômica e seguir uma determinada política são limitados. O País tem grandes possibilidades, mas é vulnerável no curto prazo. Bastam dois ou três boatos em Londres dizendo que o Ministro da Fazenda vai cair para o câmbio flutuar seriamente e abalar a taxa de juros. (FURTADO, 2006, p. 21).

Essa vulnerabilidade econômica ocorrerá em vários países da América Latina e não apenas no Brasil, o que causará distinção no caso brasileiro para os outros países será a riqueza econômica do país e a gigante desigualdade social que Furtado enfatiza novamente sobre as análises de dados do IBGE do século XX:

[...] por que o desenvolvimento brasileiro foi tão desigual? Por que existe essa injustiça tão profunda? O Brasil é um País com tantos recursos e com uma massa enorme de gente excluída. É uma profunda injustiça. O fenômeno da exclusão social é a questão que nós todos nos colocamos. Já ninguém se satisfaz com meias medidas. Há uma enorme preocupação com o problema da fome e da exclusão social. O Brasil criou uma elite capaz, investiu na classe média alta, mas investiu muito pouco no povo. Temos então essa massa desvalida, sem o mínimo necessário para exercer a sua cidadania. Um país como o Brasil tem sempre problemas novos, pois está em formação (FURTADO, 2006, p. 23).

O caráter de formação cultural, *Bildung*, no contexto retratado, é mais uma implicação de incompletude da dialética proposta, uma vez que a *Fenomenologia* aponta o caminho da construção da razão para ir ao encontro de fins emancipadores e somente é possível chegar a estes fins através do entendimento de que ao avançar no conhecimento do objeto chega-se ao ponto de reconhecimento no outro sobre o que o sujeito é, “a consciência-de-si alcança a sua satisfação somente numa outra consciência-de-si” (HEGEL, 1992), este é o ponto de alteridade da teoria hegeliana que também justifica a incompletude da dialética proposta e analisada uma vez que, permaneceram relações de dominação e ou perversidade como o caso estudado da globalização hegemônica para com o Brasil que conseqüentemente revelou o caráter da elite brasileira para com o povo brasileiro.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um país que historicamente possui dificuldades para resolver problemas estruturais, mesmo quando há possibilidades financeiras para fazê-los. Após abolição da escravidão, não houve projetos políticos para a inserção do contingente populacional de alforriados dentro da sociedade. A democratização das terras e da imprensa são pautas políticas que permanecem sem solução até os dias de hoje. A professora de história Hebe Mattos da Universidade Federal Fluminense afirma, no filme *A última abolição* (2018), que o Brasil é um país de contrabandistas, nasce desta forma e perpetua este modo de agir. O que a aplicação da *Fenomenologia do Espírito* apresenta neste artigo é uma elucidação destas questões estruturais brasileiras que causam um desequilíbrio social, uma noção de incompletude, e fizeram com que a industrialização na segunda metade do século XX tornasse uma ação de inclusão para poucos e de exclusão para muitos, de riqueza para poucos e pobreza para muitos. A Europa Ocidental precisou vivenciar duas grandes guerras, para que seus países voltassem para a solução das questões sociais, os Estados Unidos enfrentaram uma intensa guerra civil para redefinir parâmetros de maior inclusão social. O Brasil, que apesar de adotar políticas coerentes no campo econômico que causaram o enriquecimento da nação, ainda precisará vivenciar o caos e a destruição de uma guerra generalizada para se reestruturar socialmente? Como é possível alterar estruturas arcaicas de pensamentos sobre uma sociedade? É possível retornar a Hegel para estas questões, o conhecimento que vai além dos paradoxos causa estes rompimentos sejam através da ciência ou da sociedade organizada, ou ambas, a busca da verdade ou a ação da consciência sobre o objeto de estudo promovem as transformações na visão hegeliana.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. P. O Brasil do Século XX: a economia. *In*: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. **Estatísticas do Século XX**. 1. ed. Rio de Janeiro: CDDI, 2006.

A ÚLTIMA ABOLIÇÃO. Direção: Alice Gomes. Produção: Bianca de Felippes e Carla Esmeralda. Brasil: Pipoca & Filmes. 2018. 1 DVD (92 min.).

CARDOSO, R. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. **Arcos**, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, p. 15-39, 1998.

CARDOSO, R. **Uma Introdução à História do Design**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2000.

- CARTOCE, R. E. A publicidade nos anos JK: Consumo de mercadorias e ideias no nacional-desenvolvimentismo. **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. IV, n. 1, p. 61-88, 2013.
- CARVALHO, H. C. D. **O conceito de crítica na fenomenologia do espírito**. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – IH/UnB, Brasília.
- DAMASCENO, T. D. P. O conceito de força na Fenomenologia do Espírito de Hegel. **Filogênese Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia**, Marília, v. VII, n. 1, p. 55-67, 2014.
- FORTY, A. **Objetos de Desejo: design e sociedade desde 1750**. 1. ed. São Paulo: Casac Naify, 2007.
- FURTADO, C. O Brasil do Século XX: entrevista com Celso Furtado. *In*: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. **Estatísticas do Século XX**. 1. ed. Rio de Janeiro: CDDI, 2006.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito** (Parte I). 2. ed. Petrópolis: VOZES, 1992.
- MACHADO, A. E. **Sobre a atividade da consciência infeliz na fenomenologia do espírito**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.
- MIRANDA, M. L. Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica. **Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. IV, n. 2, p. 96-117, Outubro, 2013.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTOS, B. D. S. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SANTOS, J. H. Rememorando a Fenomenologia do Espírito. **IHU On-Line**, São Leopoldo, n. 217, p. 05-10, Abril, 2007.
- SILVA, S. B. D. O Governo de Juscelino Kubitschek. **Fundação Getúlio Vargas**, 2017. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/PlanodeMetas>>. Acesso em: 8 Novembro 2018.